

A DESSUBJETIVAÇÃO DE DOLORES - ESCRITA DE DISCURSOS E MISÉRIAS DO CORPO-ESPAÇO

THE DESUBJECTIVATION OF DOLORES - DISCOURSE WRITING AND BODY-SPACE MISERIES

*Nilton MILANEZ**

*À Dolores
Com todo meu amor*

Resumo: De um lado, este artigo discute a escrita de si de um sujeito em específico, Dolores, nome real, que insiste em guardar para contar suas aventuras sexuais na internet. A questão é que as brincadeiras e jogos virtuais desrespeitaram a ordem de discurso da vida de Dolores, que a levou a um internamento em um hospital para doentes mentais. De outro, tomarei os estudos foucaultianos para verificar e analisar a condição de Dolores em quatro instâncias a partir de seu texto: sujeito, subjetividades, processos de subjetivação e dessubjetivação. Mostrarei a partir da escrita de Dolores como ela é uma construção histórico-social sobre a qual se configurou e, depois, rachou ao meio ao se arriscar a avançar nas brechas possíveis que suas subjetividades propunham. Este trabalho conta, portanto, um dia na vida de Dolores, que se dispersou totalmente de si, sendo tomada como louca, para no final mostrar que a retomada com os laços com os sujeitos que nos formam é que controlam a nossa “normalidade social”.

Palavras-chave: Dolores; sujeito; subjetividade; processos de subjetivação; dessubjetivação.

Abstract: On the one side, this article, a written of the self, based on an specific someone, Dolores, her real name, who insists in keeping it in order to tell her sexual adventures in internet. The focus of the question is that kind of plays and games disrespected the discourse order of Dolores life, dragging her to be an inpatient in hospital for people with mental disorder. On the other side, I will take the foucauldian studies to verify and analyze the condition of Dolores with in four domains from her text: the subject, the subjectivity, the process of subjectivation and dessubjectivation. I will show from her written of the self how Dolores is the social historical building on what she disposed herself, and afterwards crackdown while was risking going forward in the rupture that her her subjectivities were proposing. This work tells, therefore, about a day in a life of Dolores, who got totally dispersed of herself, being considered

* Professor Titular na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Coordenador do Labedisco/CNPq - Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo. Contato: nilton.milanez@gmail.com.

as a freak, to show in the end that the rescue with the basis with the subjects that configures us is what really control our “social normality”.

Keywords: Dolores; Subject; Subjectivity; Process of subjectivation; Desubjectivation.

Desejo de ordem

Tão difícil começar, se arrastar para a ordem de um discurso e deslocar a força do desejo, tão destemido e intemperante, para a rede dos discursos. Porém, hoje, não farei isso sozinho. Encontro-me de mãos dadas com Dolores, que por meio de sua escrita de si dá o *corpus* para esta reflexão. Os acasos objetivos da vida me colocaram frente a frente com Dolores, não um nome fictício dado para o estudo de um caso, mas sua identificação no registro geral, enunciação pela qual é reconhecida pelos outros e reidentificada por si mesma, para uma elaboração do sujeito no discurso neste trabalho.

Dolores fez questão que seu nome verdadeiro figurasse em sua escrita, narcisismo assumido de quem precisa ver seu reflexo na água: anseio do reconhecimento de si no dizer do outro. Começa, então, na escolha dessa identificação a se delinear os traços da heterogeneidade que compõem um discurso que pula os muros de um relato, lançando-se à exterioridade dos lugares que vão compor a história de Dolores como sujeito, em uma escrita, até mesmo um conto, com tudo aquilo que ele tem de mítico e que diz respeito a todos nós. Mas, ela também não está apenas comigo. Está com os sujeitos leitores que aqui a ouvem, com os sujeitos falantes que a rodeiam no dia-a-dia, com as instituições religiosas e familiares que cruzam seu dizer. Dolores está conosco e em nós. São as marcas desse processo de subjetivação – que fazem dela não uma simples pessoa, mas um sujeito - e, do outro lado da moeda, a dessubjetivação – aquilo que tiraram do que a vida fez dela. É isso que quero discutir aqui.

A entrada do desejo no discurso se dá por vias do que gostaria de chamar aqui de amor. Dolores quer casar, ter filhos, ter uma família. Navega na internet e se depara com um internauta que se denomina Sir. Sir está ligado a práticas sadomasoquistas, que vão de encontro aos anseios de Dolores, na via oposta de seu processo de subjetivação como sujeito, ou seja, os desejos de Sir não casam abertamente com os

sabores de Dolores, desordenando as leis de sua religião e de seus valores de família. Assim, ela será destituída do lugar social e histórico que a compôs como sujeito, dessubjetivando-a, do lugar sobre o qual tinha se constituído e produzindo um *breakdown* em sua vida. Isso me leva a perguntar: qual pode ter sido o processo de formação das estratégias do desejo de Dolores na sua constituição como sujeito? qual o funcionamento das formas de enunciação que deflagram de seu processo de subjetivação? quais as leis que formam o regime enunciativo de sua escrita?

Para investigar o sentido do discurso amoroso de Dolores me esforcei para me concentrar sobre o Si, lugar primordial para se escavar as paixões dos sujeitos. Em um primeiro olhar, a paixão parece constituir uma aventura embriagada de um forte sentimento que não podemos explicar. Desilusão. O amor como todo discurso se constrói com bases em materialidades que deslocam a aura romântica e sua *rêverie* estonteante para um feixe de relações sócio-historicamente situadas, que constituem as subjetividades de todo sujeito, ou seja, aquelas marcas que consideramos únicas de nós mesmos. Nessa trama, nos depararemos com o corpo, que vai ser o *medium* pelo qual Dolores irá vivenciar as técnicas e procedimentos de constituição de si como sujeito. Seu corpo será, então, tomado em sua existência histórica como ponto de ligação para sistematizar domínios discursivos. E ainda há a miséria, tipo de economia passional fortemente particular, que visualizo ao gosto da intemperança e do destemperamento na transgressão dos códigos morais de nossa sociedade, que acarreta na (re)elaboração do sujeito sobre si mesmo a partir das percepções e relações de seu corpo com o mundo.

Seguirei, portanto, um percurso que vai abranger a formação das estratégias do discurso amoroso em forma de escrita de si, narrativizado e escrito por Dolores com vistas a compreender a entrada do desejo no discurso, materializado em seu corpo como forma de poder, submissão e resistência enquanto sujeito. Dessa maneira, colocarei em evidência os modos de construção do sujeito, revelando os mecanismos que a construíram enquanto pessoa da maneira como ela se vê, até Dolores passar a chegar a sua dessubjetivação e consequente ruptura consigo mesma. Longe de constituir o discurso de Dolores como uma patologia do tipo esquizofrênica ou algum tipo de histeria, o que a colocaria em um lugar de anormalidade por distúrbio

psíquico e de comportamento, vou focalizar o deslocamento de seu confortável ambiente de subjetivação familiar e religioso, formas que a construíram enquanto sujeito, para a desordem desestruturante do processo de dessubjetivação pelo qual passou, fazendo com que ela deixasse de ser aquela que tinha aprendido com o tempo de sua história a ser. Ainda que para meios de comprovação e discussão eu retome vários momentos da narração de Dolores, achei que seria injusto privar meus leitores do texto tão passional que de sua escritura sobre si mesmo, sob meu simples pedido – simples, mas difícil – de apenas escrever o que tinha acontecido com ela em uma narração curta. O título que apresento é escolhido por Dolores em sua narração. Seu texto segue na íntegra da maneira como ela me passou em meados de 2009.

A escrita de Dolores

Dolores: sonho de Alice

Bom, meu nome é Dolores, tenho quarenta e dois anos, solteira e sem namorado, mas dona do sonho de me casar e ter um marido tradicional, provedor, que me protegesse e que, de certa forma, seria alguém a quem eu deveria explicações, obediência...

Estou sozinha, há seis anos, sem contato físico ou emocional, ou melhor... estava, até descobrir a Internet, e nela um site de relacionamentos. Neste site, escolhi meu nick: Safira. E foi assim que fui descoberta por Sir. Baphomet, um homem da minha cidade, com quem teria uma relação diferente, às vezes assustadora, e de forma muito peculiar, excitante!

Sir. começou a conversar comigo normalmente, como um homem que procura companhia fora do casamento, ainda neste site. A questão mais forte nessa primeira conversa foi o fato de ele ter perguntado meu signo, eu responder que era do signo de Áries, e ele me perguntar se eu era teimosa; ao que respondi, rapidamente, e com toda segurança que não: eu era OBEDIENTE. Com o tempo trocamos o site pelo MSN, que me revelou uma face desse homem que, à princípio, me assustou muito. Sua foto de apresentação mostrava um grupo de mulheres volumosas, nuas, de mãos dadas, formando uma roda.

Percebi, assustada, que se tratava de alguém que fazia parte de um grupo, uma organização, da qual ele não havia me falado. Minha

primeira reação foi me afastar. Fiquei vários dias sem falar com Sir., pois meus instintos me diziam para fazê-lo.

Certo dia, ao ligar o computador para fazer minhas orações em um site especializado, fui interrompida com a entrada de Sir., no MSN. Estranhei, pois já havia excluído seu nome da minha lista de contatos, mas, brinquei: 'eu indo rezar e você entra com esse gosto de pecado'... Sir. mostrou-se muito interessado, perguntou como eu era novamente, porque ele representava o pecado, e eu falei sobre a foto que havia me assustado. Sir. me explicou, então, que era adepto de práticas sadomasoquistas, em especial o BDSM, que eu não sabia o que era. Nesta conversa, Sir. disse que me desejava, que eu era a mulher que ele procurava para ter como serva, que seria desejada e respeitada de uma forma por mim desconhecida. É claro que isso mexeu com minha vaidade e, à medida que ele falava, eu me excitava com tudo aquilo, apesar da atmosfera de medo. Ao final daquela conversa, Sir. disse que me possuiria ao som da Ave Maria de Schubert. Tive medo, mas, me senti sua, e, que aquilo tinha sido forte para mim.

Depois, deste contato, ficamos íntimos. Conversávamos todos os dias, trocávamos e-mails, e estabeleceu-se uma relação, que eu descobriria depois, que já era uma iniciação: dominação à distancia.

Em nossas conversas, Sir. mostrava-se dono da situação, e eu, deixava que me conduzisse, pois tinha a necessidade de mostrar-me obediente àquele homem. Sem usar termos chulos, Sir. me deixava muito excitada e sempre perguntava sobre meus pensamentos católicos. Eu contava exatamente como me sentia. Foi aí, que recebi minha primeira tarefa: Sir. me queria vestindo um hábito de freira bem tradicional. Eu deveria encontrá-lo, e mandou que eu, ao me excitar, me masturbasse ao pé da cama usando apenas salto alto e ao som da Ave Maria de Schubert.

Obedeci aos comandos do Sir., mas sem a música. Ao contar para ele, mostrou-se satisfeito, mas eu chorava, contando que não podia desrespeitar o amor que sentia por Maria.

Veio então, enquanto eu procurava o hábito, um novo comando. Ao telefone, ouvindo os sons que eu produziria, mandou que eu estendesse uma toalha no chão e urinasse sobre ela. Fazia o barulhinho de água, como se faz para a criança que está aprendendo a usar o peniquinho, e eu obedeci, e ele ficou muito satisfeito. E era sempre assim: quando o obedecia ele me ligava, era minha recompensa.

Após esta primeira atividade íntima, surgiram outras, como encher uma tigela de gelo, urinar dentro dela, me masturbar até a exaustão, e

me lavar com esse líquido. Ao sentir minha pele queimando com o gelo, era para vê-lo, mordendo minhas partes íntimas.

Nessa época já havia descoberto onde comprar o hábito, mas, o interesse de Sir, já era outro.

Como fazia terapia, contei a ele antes da sessão daquela semana, caso tivesse algum cuidado a tomar. Sir, mandou-me um texto que deveria ser lido antes da sessão, falando sobre o papel da mulher na religião. Eu li. Obedeci.

Depois, ele me ligou, para saber como tinha sido a terapia. Perguntou como era a terapeuta, contou sua fantasia a nosso respeito (possuir as duas) e chegou ao orgasmo nessa hora. Interessante, é que ele sempre agradece por ter chegado ao orgasmo. Percebo, agora, que isso me encanta...

A partir daí, a fantasia era outra: queria possuir a minha terapeuta. O hábito sumiu do seu interesse.

Nesse período ele me humilhou muito, tocando em assuntos que ele sabia que me derrubariam, principalmente o lado financeiro, que sabe que não domino. Mas, eu sempre voltava, sentia falta das suas loucuras, ou melhor, sentia falta de ser o centro da sua atenção.

Para desviar sua atenção da minha terapeuta, inventei uma amiga da época da faculdade. Fui atrás de uma prostituta, contratei seus serviços e ela ligou para ele, que insistia em falar com ela, e me humilhava por achar que essa “amiga” não existia. Depois de um tempo de negociação entre nós dois, Adriana ligou e ele ficou muito satisfeito. O combinado era que ele teria relações sexuais com ela e eu serviria aos dois como uma serva, presenciando tudo.

Bom, tudo acertado com a Adriana, ele satisfeito, muda, novamente, o foco de suas fantasias. Eu deveria estar junto à Adriana. Me opus e perguntei se nunca estaríamos sozinhos, ele diz que não, eu me revolto, ele me humilha e eu saio por um tempo de cena. Novamente, tiro seu nome dos meus contatos no MSN

Dessa vez estava decidida. Não manteria relações sexuais com outros para agradar meu suposto dono. Não falei mais com ele, que ao me ver on-line, entra e, enquanto converso com outra pessoa, começa a falar comigo, enquanto mantinha relações com outra: chega ao orgasmo enquanto eu grito que não aceito ser sua e não aceito a nova fantasia, agora era eu a mãe escolhida para ter seu filho.

Terminei essa conversa muito alterada, jurando que sumiria... mas ontem...Aí, já é outra história.

Dolores: o tornar-se sujeito

Primeiro de tudo, precisamos fazer a diferença que a Dolores da qual estamos falando não é um indivíduo, nem um ator, nem um agente. Trata-se do sujeito Dolores. O sujeito é uma condição que coloca a nós, pessoas, dentro de um quadro histórico, determinado por relações exteriores a nós do qual não somos a origem nem de nosso dizer nem de nosso fazer. Essa verificação já aparece logo no subtítulo que Dolores atribui a sua escrita, “Sonho de Alice”. Sua constituição não enquanto pessoa, ou “eu”, mas na forma de sujeito está marcada por discursos que circulam em nossa sociedade, fazem parte de nossa história íntima. Nesse caso, Dolores se identifica com a referência à Alice, de Lewis Carrol, que deixou o mundo real para cair em um abismo em que a leitura, como forma de transfiguração, dava-lhe outra posição de sujeito. Portanto, o sujeito não é marcado por um “eu”, como fez Sartre ao perguntar “Quem sou eu?”. A pergunta sob a qual trabalhamos é a retomada kantiana do questionamento foucaultiano “Quem somos nós?”. Tal fato nos mostra que em nossa constituição não estamos sós nem na vida íntima nem na história, de maneira que “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e de objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós” (HALBWACHS, 2006, p. 30). Esse eu diria que é um tipo de intervenção que, de acordo com o lugar de enunciação e seus sujeitos falantes, ao mesmo tempo conforta e assusta. Devo confessar que ando mais assustado hoje com o que investigaram, de forma tão verticalizada, essas teorias. Observamos, portanto, que há um conjunto de procedimentos que controlam a nossa maneira de viver e que determinam nossa forma de estar no mundo. Isso não quer dizer que estamos assujeitados a essa história, mas que fazemos parte dessa engrenagem. Reflitamos como pode se dar esse funcionamento no processo de construção do sujeito. Vejamos o que diz Dolores logo no início de seu escrito:

Bom, meu nome é Dolores, tenho quarenta e dois anos, solteira e sem namorado, mas, dona do sonho de me casar e ter um marido tradicional, provedor, que me protegesse e que, de certa forma, seria alguém a quem eu deveria explicações, obediência...

Ao enunciar “meu nome é Dolores”, esse sujeito chama para si pelo menos dois posicionamentos. Em uma ponta, o tipo de nomeação que a liga ao social e histórico, junto a instrumentos de registro geral em nossa sociedade, identificação pessoal em relações institucionais, colocando-a no interior de uma comunidade e coagindo sua identidade nominável nos ditames de um governo estatal particular. Ao mencionar sua idade, “tenho quarenta e dois anos”, não somente explicita um prolongamento cronológico no tempo, mas ressalta, sobretudo, uma condição sócio-histórica. A declaração do nome e estabelecimento etário produzirão sentido ao se encadearem à sequência seguinte, “solteira e sem namorado”. Verificamos, então, que o entrelaçamento entre as três sentenças não é aleatória, produz uma hierarquização e sentidos únicos que as colocam no campo discursivo do matrimônio, que promove uma faixa etária para a realização desse acontecimento, visando uma idade em que, principalmente, a mulher seja considerada apta para o trabalho e para a reprodução, dos quais talvez os discursos da fertilidade já a tenham excluído. Enfim, a enunciação de Dolores coloca seu corpo na roda da utilidade social, um corpo útil servindo à elaboração de outro corpo com força produtiva.

Como podemos notar, o dizer de Dolores está preso a uma rede de relações sociais e históricas, que age sobre seu corpo e é aplicado, por extensão, à vida cotidiana, colocando para o sujeito categorias sob as quais ela deve se enquadrar. O que parece, então, uma fala banal, emerge como um conjunto de leis implícitas que transforma a nós, indivíduos, em sujeitos. Nesse caso, Dolores é sujeito por estar presa às técnicas que regulam sua sociedade. Essas técnicas vêm por meio de saberes que produzem um conhecimento que subjuga e começa a fazer parte do arcabouço pessoal, é “uma forma de poder que subjuga e torna sujeito a” (FOUCAULT, 1995, p. 235). De maneira geral, há outras técnicas mais finas e outras mais graves de agenciamento da construção do sujeito. Dolores declara obediência a seu par, retomando o discurso bíblico repetido de maneiras variadas seja textualmente, em “deixava que me conduzisse, pois tinha a necessidade de mostrar-me obediente àquele homem” não pecando contra a castidade, mantendo os preceitos judaico-cristãos da fidelidade a seu par.

De maneira mais específica, Dolores se constrói por meio de uma alteridade que lhe atribui um lugar de santidade. Ao longo do texto mostra seu desejo em comprar o hábito de freira e até se

desaponta no momento em que Sir, ao final, muda sua fantasia. A construção de Dolores enquanto sujeito passa pela formação de um campo do discurso religioso, mas não apenas um campo geral, ela tem um domínio particular. Aceitar realizar a fantasia de Sir e se vestir de freira é converter o sujeito Dolores em freira, com todos aqueles valores que a ela estão entrelaçados, a virgindade, a vida em reclusão, enfim, a esposa "virgem" de Cristo, tipo de alteridade que está em consonância em um campo presença do discurso de reafirmação de sua obediência ao outro, ainda podendo ser retomada pelo discurso religioso, para o qual somos todos "cordeiros de Deus" e a ele servimos o maldito mandamento "amar a Deus sobre todas as coisas", que é um dos maiores exercícios a se apagar da identidade dos sujeitos.

Como podemos ver, Dolores considerada como pessoa é apagada para dar lugar a um tipo de construção de lugares institucionais - a Igreja, a Família - e de lugares doméstico-íntimos: o preceito cristão em dizer ao outro sempre a verdade, "brinquei: 'eu indo rezar e você entra com esse gosto de pecado'". Esse tipo de discurso reflete o desejo de Dolores de reconstituir a sua ordem de uma maneira diferente de como a tinha conduzido ali pelo menos até aquele momento. Fica estabelecido, assim, que há práticas do cotidiano comum, que compunham a personalidade de Dolores, que são por mim compreendidas como técnicas de gerenciamento de si e regularização de si, as quais fazem nada mais do que controlar o desejo dos outros. É como se Dolores dissesse *eu sou assim e sigo tais preceitos*. Infelizmente a voz dela, como todas as nossas, é precedida por muito outras e, por isso, tornamo-nos sujeitos. Sujeitos à. Como vimos, o sujeito tem uma gênese que vai formar uma história, mas que não tem nada de original, ou seja, não há um lugar de origem no qual poderíamos localizá-lo. E esse distanciamento cartesiano é que preenche a noção de sujeito. O importante para nós aqui é a maneira pela qual o sujeito toma a experiência de si mesmo em um jogo de verdade no qual ele está em relação consigo próprio (REVEL, 2010, p. 226).

Dolores: como se mostram as subjetividades

Tomada como sujeito historicamente orientada, quero mostrar como Dolores caminha em direção a uma produção histórica das suas

subjetividades. A questão é compreender um pouco o que isso significa. O que nos dá os contornos das subjetividades de Dolores pertence ao domínio da descrição “arqueológica da constituição de um certo número de saberes sobre o sujeito”, assim nos explica Revel (2010, p. 226). Particularmente, compreendo as formações de subjetividades de Dolores na tentativa de diferenciá-las da noção de sujeito, ligada ao domínio da sexualidade. Para Foucault, “O sexo sempre foi o núcleo onde se aloja, juntamente com o devir de nossa espécie, nossa 'verdade' de sujeito humano” (FOUCAULT, 1985, p. 229). Diante dessa afirmação constato que as formas de subjetividades de Dolores estão no campo da sexualidade, que está diretamente em contradição com sua formação católica enquanto sujeito. Esse lugar de sujeito o qual ocupamos nos dá espaço em um tempo e em uma sociedade, porém sem poder dizer a que viemos. Quando Dolores aceita o jogo de Sir e entra no domínio da sexualidade deixa o seu lado de sujeito para constituir sua subjetividade, para tentar construir a sua verdade, que foi sufocada pelo processo de construção de sujeito que teve que engolir ao longo de sua vida.

Há um momento na escrita de Dolores, portanto, que podemos compreender como irrupção de subjetividade. Esse momento é quando ela aceita assumir um contrato com Sir, quebrando seu próprio contrato como sujeito que havia a vida toda estabelecido com ela mesma:

Certo dia, ao ligar o computador para fazer minhas orações em um site especializado, fui interrompida com a entrada de Sir. no MSN. Estranhei, pois já havia excluído seu nome da minha lista de contatos, mas brinquei: “eu indo rezar e você entra com esse gosto de pecado”... Sir. mostrou-se muito interessado, perguntou como eu era novamente, porque ele representava o pecado, e eu, falei sobre a foto que havia me assustado. Sir. me explicou, então, que era adepto de práticas sadomasoquistas, em especial o BDSM, que eu não sabia o que era. Nesta conversa, Sir. disse que me desejava, que eu era a mulher que ele procurava para ter como serva, que seria desejada e respeitada de uma forma por mim desconhecida. É claro que isso mexeu com minha vaidade, e, à medida que ele falava, eu me excitava com tudo aquilo, apesar da atmosfera de medo. Ao final daquela conversa, Sir. disse que me possuiria ao som da Ave Maria de Schubert. Tive medo, mas me senti sua, e, que aquilo tinha sido forte para mim.

Ao aceitar deslocar-se do lugar de virgem para se sentir desejada, ela se coloca individualmente, submetendo-se à análise de técnicas desconhecidas por ela, mas que ela crê que levariam a ela mesma. Acreditar ser possuída ao som da “Ave Maria de Schubert” apresenta aí, pelo menos, dois elementos de subjetividades de produção histórica. Um, Dolores se lança em forma de resistência a seus valores e, vejam bem, é o lugar da resistência à constituição do sujeito de Dolores que lhe cria a possibilidade de viver um momento singular. Por isso, não podemos deixar de pensar a subjetividade como aquele de momento de irrupção única em que o sujeito foge dos grilhões de sua história para reinventar-se a si. Dois, o que nos assusta e o que desestabilizará Dolores é que ao dar vazão a essa subjetividade ela estará colocando em questão o saber do sexo sobre a forma de, como diz Foucault (1985, p. 321), uma “miséria”, pois no seio da sua constituição como sujeito o sexo sempre figurou como uma proibição, um interdito, o recôndito escondido.

Vejamos bem, ter a vontade de exercer tal ou tal atitude, pode ser tomada como constituição do sujeito, mas no caso dos exemplos de Dolores, como masturbar-se “ao pé da cama usando apenas salto alto e ao som da Ave Maria de Schubert”, é a ruptura da parte da constituição de sua subjetividade, pois foge aos preceitos que capturamos da sua constituição enquanto sujeito moral cristão. Que fique claro, então, que a subjetividade é uma marca formal, moral e discursiva que brota do desejo do sujeito em contradição com as condições de harmonia que o mundo e suas relações a montaram enquanto sujeito e que foram ao longo do tempo por ela assumidas como verdadeiras. Porém, verificados os «efeitos de miséria» (FOUCAULT, 1985, p. 232) da sexualidade na vida de Dolores, suas subjetividades serão tomadas, apesar de resistentes, de forma negativa, negando a presença e o vigor de Dolores enquanto sujeito, desestruturando-a como sujeito.

Antes de finalizar essa breve pontuação, fica em destaque que a subjetividade aparece em um momento da descontinuidade do sujeito em relação à linearidade de sua ordem. A subjetividade, portanto, se constitui a partir de uma ruptura na ordem estabelecida pela continuidade da mesma posição sempre ocupada por um sujeito. Ainda, ressalto com ênfase que a ancoragem da subjetividade, entendida, sim, como lugar de inversão do sujeito, não está, como

disse Foucault «no exterior da grade do saber/poder, mas na sua torção íntima» (REVEL, 2005, p. 85). Isso é que torna difícil em termos teóricos diferenciar sujeito de subjetividade. Até mesmo Judith Revel (2005) em seu livro “Foucault, conceitos essenciais” trata-os como um único verbete. Mas espero ter sido claro, mesmo que didaticamente falando, quando afirmo que sujeito e subjetividade não são as mesmas coisas e que seus traços formais-discursivos podem ser recuperados na materialidade linguística da escritura de Dolores, como fiz brevemente, ou até mesmo no estudo com as imagens fixas ou em movimento em um outro objeto de estudo.

A nossa pergunta, então, sobre a subjetividade de Dolores, não é como sua sexualidade se constituiu a partir do discurso religioso, mas é a torção pela qual ela passou, o modo pelo qual ela se exerceu ao travar contato com Sir. Baphomet. E essa resposta levaria bastante tempo para ser dialogada, porque o lugar de sujeito, quando mostra a insatisfação dos espaços que ocupa, faz emergir a busca pelo discurso do verdadeiro. A questão é mais ou menos assim: se eu sou isto mais aquilo e aquilo outro que talvez nem tive a chance de escolher, eu quero como *Alice* conhecer a verdade daquilo que não me é dado a ver. A incitação das vontades interditadas na ruptura com a história de um sujeito determinado é que regularão quais são os fatos dos acontecimentos discursivos que me vão fazer diferente do que eu sempre fui.

O discurso verdadeiro da subjetividade tem suas artimanhas porque ele tem ranhuras, rasgões, vazos fluentes e, em sua descontinuidade, me parece que é o que acontece com a interrupção da história de Dolores quando Sir deseja outra mulher, e a subjetividade de Dolores traz no discurso verdadeiro, no interior da verdade do jogo amoroso, a mentira, ou seja, uma norma padrão, criando, por ciúmes, uma mulher que não existe:

Para desviar sua atenção da minha terapeuta, inventei uma amiga da época da faculdade. Fui atrás de uma prostituta, contratei seus serviços e ela ligou para ele, que insistia um tempo de negociação entre nós dois. Adriana ligou e ele ficou muito satisfeito em falar com ela. E me humilhava por achar que essa “amiga” não existia. Depois o combinado era que ele teria relações sexuais com ela e eu serviria aos dois como uma serva, presenciando tudo.

O discurso do sujeito, no exercício da sua subjetividade, está na esteira da vontade de saber. A vontade está no domínio do interdito, porque ela não é dada, não é mostrada, é apenas incitada, mais um dos elementos para a produção das subjetividades. A interdição desta vez parte da produção de subjetividade de Dolores que não aceita outra mulher, em forma de resistência. Dolores, dessa forma, alimenta o jogo da verdade das relações humanas, naquelas (todas) em que a verdade é apenas um efeito, uma ilusão (FOUCAULT, 2002), pois é sempre construída, fabricada, elaborada para um fim específico, comprada para uma finalidade objetiva, como no caso de Adriana. Adriana é o exemplo de que Dolores, enquanto se exerce enquanto sujeito, do lado da subjetividade, permite que ele (re)crie o jogo a que lançou e se deixou conduzir. A posição de Adriana, tomada como amiga de faculdade, ou seja, do lugar da exterioridade da intimidade de Dolores e a posição da terapeuta, valida o lugar do saberes que estão ali presentes, materializados pelos domínios metodológicos de Sir para exercer submissão e controle sobre Dolores em duas instâncias - na vida-cotidiano-doméstica e na vida institucional. Eu não diria que é a racionalidade de Dolores que não permite esse avanço em intimidade, mas que é o exercício de sua subjetividade que impõe limites para sua história de amor.

Em resumo, o discurso verdadeiro do jogo do amor está entremeado aos jogos de poder, no qual não se pode dar ao certo quem é submisso ou submetedor. Estou apontando aqui e ali os contratos «pessoais» que estão marcando o jogo desses sujeitos, mas vai ficando evidente que «a perspectiva pessoal» cai por terra logo no início quando se estabelecem os jogos de poderes que envolvem os lugares institucionais das posições que os sujeitos envolvidos ocupam. Certamente, como vimos, eles são determinados por práticas divisoras já existentes socialmente e que se escamoteiam por meio das atitudes de Safira e Sir, cuja negociação se esbarra sempre em limites. Seja, ainda, nesse caso em que estamos, o amor tem uma ordem e um protocolo que não pode desfazer a bainha da saia das bordas da história e eu mesmo não pude separar Dolores de Safira em minhas enunciações, pois a verdade que as guia, para mim, é uma só, com dois nomes, aqui, sim, diria, apenas dois significantes, cuja significação estava a se construir na base dos corpos e lugares que habitavam.

Mas como reencontrar esse jogo amoroso em sua estreiteza material? Como isso é bastante difícil e tenho me esforçado muito, agora me rendo para mostrar como se produzem os modos de subjetivação do sujeito, o que me parece, pode facilitar um pouco mais a compreensão da ideia de conjunto de sujeito, subjetividade e subjetivação, ao invés de tentar incompletamente marcá-las.

Dolores: seus modos de subjetivação e o governo de si

O termo *subjetivação* para Foucault, em sua obra, se constitui no processo da formação de um sujeito. Bem, isso já vimos anteriormente. É preciso que entendamos que os modos de subjetivação auxiliam na formação do sujeito, mas o que Foucault quer mesmo frisar é que aí há formas de subjetividades como elenquei anteriormente. Se fizermos um retorno teórico, sem sermos repetitivos, veremos que Dolores/Safira e Sir são sujeitos objetivados pela ordem da norma social. Essa objetivação é um elemento importante para a construção do espaço virtual e da produção da subjetividade porque ela, de certa forma, marca o que pode e o que não pode existir dentro daquele espaço, levando em conta o contrato entre os sujeitos que vivem aquele jogo. Agora, a coisa que eu gostaria mesmo de destacar é o modo de subjetivação, ou se preferirem dizer, “processos de subjetivação” (REVEL, 2005, p. 82), em especial, verificando qual é a maneira pela qual Dolores começa a travar a sua relação consigo própria, usando técnicas específicas, que fazem ela ser quem ela é, ainda que estejamos pensando naquele lugar de sujeito no qual fomos construídos: as materialidades da paixão (MILANEZ, 2011). Didaticamente falando, a subjetividades são as marcas dos modos de subjetivação do sujeito, ou seja, práticas que fazem o sujeito ser quem ele é. Mas, antes ainda, quero discutir aqui uma citação de Judith Revel acerca do processo de subjetivação, a fim de nos auxiliar na continuidade da análise da escritura de Dolores:

Todo o trabalho de Foucault consistira precisamente em levar em conta o movimento de objetivação ao qual os indivíduos estão necessariamente submetidos – podem ser reconhecidos como sujeitos – e o processo de subjetivação que permite a esses mesmos sujeitos tornarem-se atores de sua própria invenção deixam de se apresentar como contraditórios; ou, mais exatamente, que o assujeitamento a

uma objetivação submetida, de uma parte, e a resistência através de uma subjetivação percebida como ruptura dessa objetivação, de outro, não sejam simplesmente identificadas como contraditórias, mas, ao contrário, como intimamente ligadas, o que não é evidentemente o menor paradoxo (REVEL. 2010, p. 228, grifos meus).

Da forma como compreendemos Foucault aqui, poderíamos dizer que estamos delicadamente dentro do escopo de sua maneira de pensar, já que tanto Dolores/Safira e Sir permitiram a esses mesmos sujeitos tornarem-se atores de sua própria invenção. O que poderiam parecer idiossincrasias, a santa tornar-se puta, a mulher autônoma assumir-se submissa e assujeitar-se ao jogo montado por Sir, mesmo assumindo algumas estratégias dentro desse jogo de submissão, não colocam o sujeito em choque com ele mesmo, o que fazem é reafirmar que é assim que o sujeito se constrói, por esses modos de subjetivação em suas interrelações.

E o maior dele, é claro, é a própria escrita do texto de Dolores, que deixa os outros lerem e ouvirem os modos que fizeram dela sujeito, os lugares de objetivação sócio-históricos que fizeram com que ela mostrasse da forma como ela se via a partir da relação íntima que tinha desde sempre travada consigo própria. A escrita do texto de Dolores é uma forma de apropriar-se de si mesmo e de reapropriar-se de si enquanto sujeito diante do outro como prova de que ela existe.

Gostaria que ficasse bem clara uma coisa, que essa narração que Dolores faz de si não tem como objetivo confessar, seja por via oral ou escrita, os mandamentos que ordenam e estruturam os arcanos de sua vida, como se tivessem um fator de purificação; falando para se livrar desses pecados. Bem, sigo aqui com o pensamento de Foucault em “L’Écriture de soi” (2001, p. 1238) como efeito de ler e ouvir essa escritura de poder, tomando dela aquilo que ao contrário nunca tinha sido dito antes, ou seja, juntar aquilo que podemos ouvir e ler, à luz da história daquele indivíduo de maneira a compor a sua constituição de si.

O outro, que tem como intento não fofocar o mal que o outro diz que eu fiz ou a que eu mesmo me imputei, não é a ideia de correr atrás de algo que ainda não foi dito, o inalcançável, o indizível ou aquilo que poderia estar escondido. Dessa maneira, quando falamos de uma governamentalidade, não estamos apenas dizendo do governo

sobre o outro, mas também e ao mesmo tempo do governo do sujeito sobre si mesmo. Não podemos negar ainda que nesse processo de escritura de si não haja a interferência de outros lugares sociais e institucionais que validam discursos e, por isso, dizem o que se chama *verdade*. Este é um tipo de validade pela experiência do tempo, da tradição, da hierarquia e da seleção que fazem parte da ordem do discurso das construções dos sujeitos da maneira como as conhecemos em nossa vida objetiva. A questão da governamentalidade de si talvez tenha ficado mais iluminada aqui, pois os aspectos que compõem o campo enunciativo dos sujeitos são tão heterogêneos que saltam aos nossos olhos como efeitos especiais em meio a uma crise, em uma realidade sem par. A questão do governo do outro vai ter mais espaço quando, a seguir, discutirmos a questão da dessubjetivação, e o governo do outro será tomado como funcionamento discursivo para aquele momento de Dolores diante das circunstâncias de enunciação.

Dolores: seu processo de dessubjetivação e a rendição ao governo do outro

Ainda que com contornos eróticos e com curiosidades recônditas acerca das personagens de sua escrita de si, das mais diferentes circunstâncias, a escritura do SI-Dolores mostra o que ela e o que todos nós podemos ver. O grande processo de ruptura - e não se trata de contradição, mas de ruptura e de corrosão do sujeito até chegar ao ponto de dividi-lo - é que nos interessa aqui. Talvez não tenhamos dado tanta importância ao discurso religioso na vida de Dolores, talvez nem ela tenha tido essa ideia como também nós não tivemos. Mas deixar de assujeitar-se ao lugar de sujeito pode em algum momento manter a espessura dos fios que tecem a rede do sujeito que somos. Talvez nem todos tiveram a coragem de colocar à prova o seu sujeito construído como Dolores fez. As práticas religiosas que objetivavam Dolores em seu lugar de sujeito vão sendo (cor)rompidas. Entre outros exemplos em sua escritura, trago de imediato essa sequência:

Veio então, enquanto eu procurava o hábito, um novo comando. Ao telefone, ouvindo os sons que eu produzia, mandou que eu estendesse uma toalha no chão e urinasse sobre ela. Fazia o barulhinho de água, como se faz para a criança que está aprendendo a usar o peniquinho,

e eu obedeci, e ele ficou muito satisfeito. E era sempre assim: quando o obedecia ele me ligava, era minha recompensa.

Após esta primeira atividade íntima, surgiram outras, como encher uma tigela de gelo, urinar dentro dela, me masturbar até a exaustão, e me lavar com esse líquido. Ao sentir minha pele queimando com o gelo, era para vê-lo, mordendo minhas partes íntimas.

Quanto a este episódio, Dolores me diz em ambiente virtual:

dolores diz:

não estava louca na época não

Niltim diz:

uhm

maria dolores diz:

só solitária

e o Sir me fazia companhia

A questão é que a maneira delicada de tratar desse tipo de domínio da sexualidade não estava em acordo com o sujeito sobre o qual ela tinha se criado e se desenvolvido enquanto mulher adulta. Os comandos poderiam ser seguidos como proposta de sua própria subjetividade, deixar-se levar pelo jogo de Sir. Infelizmente, o que Dolores não chega a narrar em seu texto, mas indica em sua conversa comigo no MSN, é que aí está se afastando fortemente dos modos que a subjetivaram como Dolores, a católica. Nesse período Dolores se sentia cada vez mais longe si, de sua existência, segundo as imagens que criei do roteiro montado por Sir. Como ela dizia, ele lhe fazia companhia, mas ia aos poucos desfazendo os nós dos modos de subjetivação da Dolores religiosa.

O sujeito de Dolores, como o de todos nós, está estruturado sobre uma linguagem disciplinar. Sua linguagem disciplinar católica lhe é constitutiva, identificando-a com a Virgem Maria, ao ouvir Schubert, imaginário da purificação, do benzimentos com as águas santas. Tanto os corpos políticos divinos, quanto o número no investimento de divinas porcas políticas. Essa disciplinaridade de sua suposta virgindade está inseparavelmente investida de uma política do corpo. O corpo agora de Dolores lhe significa um objeto cujo alvo é o do poder, que não está mais em Sir, mas nela, dentro dela, em seu

ventre. Por meio de seus processos de singularidades, Dolores desenvolveu algo que Sir não esperava, e “é nesta medida que se trata antes de tudo de procurar compreender uma concepção de poder na qual trataremos o corpo como uma superfície de inscrição dos suplícios e das penas a uma outra que visava, ao contrário, formar, corrigir e reformar o corpo” (REVEL, 2010, p. 194). Mas, o corpo histórico de Dolores não vive mais esse tempo. O que para Sir era uma fantasia, para a política do corpo e suas crenças, em Dolores, aqueles eram acontecimentos discursivos reais, que ela realizava pela via de sua subjetividade e pela via daqueles domínios sexuais.

O problema que vamos enfrentar agora é o da desestruturação da condição de sujeito e dos modos de subjetivação que a sustentavam no universo católico. Ao arriscar atravessar a linha do sujeito que ela, urinando ao som de Schubert, masturbando-se nessa sequência, notamos que isso não foi o que a desestruturou de imediato. Foi o conjunto da massa na insistência de desviá-la das técnicas de si que levou Dolores a ter um surto psicótico, segundo suas próprias palavras, perdendo a referência de si, até ser internada em uma instituição de tratamento para “doentes mentais”.

O que aconteceu com Dolores, ou melhor, o que desestabilizou o si da Dolores da qual conhecemos as narrações? Quebrar os limites de sua própria subjetividade, que já é um lugar de resistência, no caso de Dolores, reforçou uma instância disciplinar que era constitutiva a seu sujeito desde a formação que não possamos identificar. Ela ultrapassou os limites de sua subjetividade, transgredindo normas que ainda não havia reelaborado para si mesma. Suas práticas pouco a pouco foram constituindo um campo discursivo que para ela, se tornou em perversidade, ocupando o amor dinâmico que tinha por seu Deus. Pouco Foucault falará do processo de dessubjetivação, assim também ele o fará sobre Rousseau. A dessubjetivação consiste não na existência de determinado sujeito, como no caso de Dolores, mas a dessubjetivação faz parte do processo de apagamento da obra da existência do sujeito, fazendo com que seus acontecimentos vívidos, sentidos, aprendidos, coagidos, forçados se tornassem uma experiência que chega ao seu fracasso e é colocada por terra, levando o sujeito a um *breakdown* como a poeira espelhada pelo vento.

O que dizer por Foucault senão que a dessubjetivação não é um acontecimento que acontece ao homem, mas que se insinua no

próprio interior da linguagem? Permitam-me citar, nesse sentido, uma frase de Foucault em consonância com uma tal experiência de linguagem onde é na própria estrutura que se abre “A fineza sem conteúdo” do ‘eu’ que fala: ‘Abertura absoluta pela qual a linguagem pode se espalhar ao infinito, enquanto o sujeito – o ‘eu’ que fala – se esfacela, se dispersa e se reduz até desaparecer neste espaço nu” (FOUCAULT *apud* FRACKOWIAK, 2006, p. 131). Tomando tão acertada leitura que Mathieu Frackowiak faz de Foucault, o lugar da dessubjetivação é a parte daquele par regularidade e dispersão, na qual a dispersão se torna e se fixa tão distante de seu ponto de origem que produz no “eu” do sujeito o sentimento de perda de si. Quando Dolores quebra as regras que alimentavam a sua estrutura histórico-emocional, em uma experiência que faz com que ela ultrapasse todos os limites dos quais ela conhece os parâmetros, a sua agonia de se ver tão longe de si mesma configura a decomposição de seu próprio sujeito, gerando abandono do trabalho, produzindo desordem no uso da linguagem, desligado-a dos fatos eventuais cotidianos. Fazer o xixi na toalha, masturbar-se com o gelo, ouvir Ave Maria de Schubert seriam todas práticas possíveis para o universo de Dolores se elas não se decompussem na culpa, na falta e na incompletude e na traição dos valores morais que ela havia recebido e tomado para si. Essa dispersão causada pela ruptura da linha de continuidade de sua historieta infame dá ao ato de prazer o sentimento de desamparo, abandono, terror. Voltamos, então, ao princípio imanente da ordem do saber que em cada época tem seus próprios princípios de circulação e de exclusão. Para finalizar, brevemente, repito as palavras de Frackowiak:

A liberdade encontra uma consistência no movimento pelo qual o sujeito encontra o lugar e corre o risco de uma escritura que, tomando o espaço no qual a subjetividade pode ser transgredida, encontra também a possibilidade de seu entrelaçamento. Escritura, portanto, do desastre (FRACKOWIAK, 2006, p. 135).

Não vejo caminho para nós sujeitos, seja de ida ou de volta, se não for pela discussão da subjetividade, único caminho possível para a vida.

Dolores-sem-fim: heterotopias do corpo-espaço

O que pode ter acontecido com Dolores? Ficou louca, como se diria comumente? Não. Dolores teve a coragem de viver diferentes espaços que fazem parte de nosso mundo. Nossa valente cavaleira do século XXI saiu das fronteiras que o corpo-espaço lhe propunham. Entendamos aqui que corpo-espaço é uma relação constitutiva, da qual não se separam nem se evidenciam por mais ou menos intensidade. A prática de liberdade de Dolores foi tão intensa que a levou ao desligamento do que conhecemos como mundo normal, aquele espaço em que o corpo deve ser útil, servir ao trabalho e esconder-se dos prazeres. Corpo-espaço (MILANEZ & GAMA-KHALIL, 2012) é uma categoria heterotópica, pois faz com que o corpo que comumente conhecemos se torne outro, crie novos espaços, recrie novos corpos. Assim bem explica Foucault (FOUCAULT, 2009, p. 9): “Meu corpo é bem o contrário de uma utopia, ele é o que não seria jamais sob outro céu, ele é o lugar absoluto, o pequeno fragmento de espaço com o qual, no sentido estrito, eu me torno corpo”.

Dolores não abandonou o seu mundo nem o seu lugar de sujeito, mas encontrou uma válvula de respiro para o sujeito que era. Em termos heterotópicos, podemos bem entender que Dolores “fez seu corpo entrar em comunicação com poderes secretos e forças invisíveis” (FOUCAULT, 2009, p. 15). E não posso parar por aqui, porque Foucault me diz da importância que temos dessa encarnação em nós mesmos. De que valeria passarmos a vida em branco sem ter pelo menos um bom *blackout*?

Talvez seja preciso descer ainda mais abaixo do nosso vestuário, talvez seja preciso atingir a própria carne e, então, veremos, que em certos casos, no limite, é o próprio corpo que retorna contra si seu poder utópico e faz entrar todo o espaço do religioso e do sagrado, todo o espaço do outro mundo, todo o espaço do contra-mundo (FOUCAULT, 2009, p. 17).

A ruptura da vida ordinária já aconteceu antes comigo e acho que com todos nós, até com a doméstica personagem de Clarice entre o espaço da tarde no Jardim Botânico e início da noite em sua casa. A loucura é uma questão que, como analista, apreendo apenas a partir da linguagem. Mais do que isso, apago a loucura de meu dicionário para

compreendê-la como práticas heterotópicas do corpo-espço (MILANEZ; GAMA-KHALIL, 2012). O corpo se exige transitar nesse espaço que ocupa, deslocando-se e transformando-se em outro. É ocupando outros espaços em outros corpos, mesmo que sejam os mesmos, que seremos outros. Pobre daquele que não pode ou não se deixa nunca perder-se de si e conhecer “outro lugar” (FOUCAULT, 2009, p. 10). A fuga de si para si é necessária para continuarmos uma vida comum e ordinária, com seus despertadores, com os encontros chatos, com aqueles legais, enfim, com a vida do homem infame no dia a dia comum dos afazeres, às vezes autômatos, a que damos o nome de vida.

E Dolores? Eu a encontrei faz uns dois anos. Marcamos em um *Franz Café*. Ela chegou dirigindo, com vestido longo, cabelos presos. De onde saltam os lugares heterotópicos de sua vida. Falamos muito, muito rápido. Pouco tempo para muita conversa. Quando calávamos estávamos fumando. Calamos muito fumando também. Ainda nos vemos nas redes sociais e espero poder revê-la para trocarmos nossas heterotopias desviantes, fazendo com que nos sintamos menos só nesse mundo tão pequeno, que fora a utopia da Globo, os quartos, os comprimidos, as injeções, as amarras, o desprezo do olhar para aquele coitado que está doente, continua sendo a norma e a lei da instauração da loucura. Afinal, ao tomar de empréstimo a pergunta “Quem somos nós?”, vou passar o tempo que me resta tentando responder, não diria, pois, com buscas a algo muito objetivo, mas investigando quais mecanismos é que fazem com que ela circule por aí e de que maneiras.

Acabei o texto e me ficou faltando uma moral da história, mas que me é algo tão óbvio que talvez preferisse não tocar no assunto. Toda vez em que o assunto versar sobre loucura não vamos poder deixar de falar da norma, pois é ela que, em formas de técnicas sociais e corporais, garante a validade de nosso discurso em sociedade. As normas podem variar de pessoa para pessoa, de grupo para grupo, mas o rompimento desse contrato social traz consequências visíveis em nossos corpos, nossas falas, nossas atitudes, nossa notoriedade. Desculpem-me por assim finalizar, mas a norma não permite o lugar do sonho e dos deslocamentos heterotópicos, que fazem com que imaginemos e nos transportemos a lugares que estão dentro do real de nós, não do lado de fora. Isso quer dizer, que hoje, em uma sociedade como a nossa, na qual os deslocamentos e deslizamentos se fazem

ininterruptamente, não caberia mais ficar pensando o papel da norma na posição dos sujeitos, mas muito mais que isso, como sugiro, na tarefa de nos compreendermos como seres heterotópicos em nossas carnes e ossos e em nossos desvios. A norma irá sempre guilhotinar a heterotopia, que, “tadinha”, nem foi o tema central da discussão, e que chegou por último na mesa do café, trazendo o funcionamento do mecanismos dos sujeitos sem valorá-los, patologizá-los, perverte-los, esquadrinha-los, reduzidos a corpos que buscam os domínios do desvio, porque desde sempre, os melhores caminhos, inclusive para os estudos, são aqueles em que vamos encontrar o lobo mau. Não, não quero ser irônico, quero dizer que o óbvio é um tipo de raridade do discurso que não pode ser dispensada em nossas buscas metodológicas e que nossas investigações em meio a tão grandes massas de produções de acontecimentos, poderiam ver seus resultados em pequenas micro-histórias, como essa da incrível Dolores, que chegou a se comparar com Alice. Porém, ela mesma está atenta que os deslocamentos é que fazem a ciência da vida ter sua linha e seu suporte.

Post scriptum para o filtro de um fim

Centrei todas as observações que pude dentro do espaço econômico da ordem científica do trabalho dos artigos, mas destaco que há posicionamentos que contribuiriam muito com esse trabalho. Primeiro, uma relação verticalizada da heterotopia em termos de heterotopia biológica e heterotopia desviante. A segunda, uma exploração da interferência da relação da terapeuta no universo exterior ao consultório. A terceira, o próprio suporte de administração dos diálogos dos sujeitos, o MSN. Quarto, os lugares travados entre entrevistador e entrevistado. Cinco, recuperar a passagem entre o estágio de lucidez de Dolores e o estágio de loucura determinado pela clínica por meio de documentos. Seis, problematizar a questão da verdade do ponto de vista da clínica em contraposição ao de Dolores. E, sétimo, organizar o espaço da loucura como reflexão de conhecimento e domínio de si. Ainda, para tanto, valeria uma focalização sobre Sir, a desistência do brinquedo com o hábito de freira, situar a emergência histórica no domínio sexual do *bondage*, entre outras coisas. De qualquer modo, pude ir e voltar a Dolares, que foi minha meta desde o início. Por isso, justifico tantos tópicos que

foram colocados de lado no texto, mas para fechar mesmo, não acredito que a palavra é a coisa. A origem não está em nós. Desse jeito, é que deixei bem de lado a possibilidade de uma leitura do nome que Dolores recebeu em nascimento face às misérias da vida íntima daqueles que não podem gritar ao mundo tudo que fizeram. Dolores para si e para nós, que o proibido se converta em exercício de liberdade, que o medo se transforme em elogio ao encontro consigo mesmo, que a Dolores da dor se regozije com a felicidade de conseguir se olhar no espelho e cair no buraco de Alice, sempre com marcação já de ida e volta. Não somos o que queremos, somos o que podemos, mas nossas subjetividades mediam esses lugares de existência e de nossa felicidade entre nossos corpos-espacos.

Referências

FOUCAULT, Michel. *A microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

_____. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. *A Verdade e as Formas Jurídicas*. Tradução de Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2002.

_____. *Le corps utopique, les hétérotopies*. Clameicy: Editions Lignes, 2009.

FRACKOWIAK, Mathieu. Signe, discipline, désubjection, Rousseau avec Foucault. In: *Lumières*. Numéro 8. *Foucault et les Lumières*. 2º semestre 2006. Bordeaux: Lumières, p. 123-139.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

MILANEZ, Nilton. Materialidades da Paixão. In: SARGENTINI, Vanice; CURCINO, Luzmara; PIOVEZANI, Carlos (Org.). *Discurso, semiologia e história*. São Carlos: Claraluz, 2011, p. 211.

MILANEZ, Nilton; GAMA-KHALIL, Marisa. *REDISCO – Revista Eletrônica de Estudos do Discurso e do Corpo* / Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo. v. 1, n. 2, jul./dez. 2012. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2012.

REVEL, Judith. *Foucault. Conceitos essenciais*. Tradução de Nilton Milanez e Carlos Piovezani, 2005.

_____. *Foucault, une pensée du discontinu*. Paris: Fayard, 2010.

Recebido em 09/07/2013

Aceito em 08/09/2013